



Pragmatismo cristão?

“O que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida” (1 Co 9.10). Sem querer me tornar um pragmático teológico, cuja preocupação é apenas o resultado em si, independentemente dos meios empregados, não posso deixar de considerar o fato de que Deus nos enviou para que produzamos muitos frutos, e dentre estes frutos se encontram a salvação de vidas.

Nenhum lavrador prepara o solo, se afadiga, enfrenta o sol, espinhos e pragas, sem expectativa da colheita. Entendendo que a citação acima se refere aos obreiros cristãos, não posso me privar de um desejo de semear com fé, esperando grande colheita. Jesus afirmou que os campos estão brancos para a colheita, e nos desafia a erguer os olhos, a ampliar nossa visão e ver que “os campos já branquejam para a ceifa” (Jo 4.35). Ele afirma ainda que nos tem enviando para ceifar, que o tempo de colheitas não é para o futuro, mas para hoje. Não existe mais tempo de espera, não faltam quatro meses para a ceifa, mas os campos já estão brancos, e se não houver colheita no tempo apropriado, os grãos se perdem.

Estou dizendo estas coisas para tentar avaliar uma das questões mais intrigantes no processo de plantação de igrejas que tem sido a falta de fruto. Por que a colheita não acontece? Alguma coisa está errada com a semente? A promessa de Jesus não se aplica aos nossos dias? Por que tantos obreiros se contentam com tão pouco e não questionam a falta de frutos? Levantar estas questões é mero pragmatismo ou estes dilemas devem fazer parte de nossas inquietações?

Será que a Bíblia não se preocupa com colheitas? Querer resultados concretos é anti-bíblico? Já vi congregações que passam anos sem frutos de conversão, isto é natural para a vida da igreja? Isto faz parte da vida cristã normal? O que Paulo queria dizer ao afirmar que sofria dores de parto até que Cristo se formasse no coração daquelas pessoas a quem ele anunciava a salvação? Não seria uma necessidade de ver a obra progredindo?

Estas questões já foram levantadas por teóricos da Plantação de igrejas. Wagner afirma: “Eu creio que Deus está genuinamente preocupado com a implementação prática de Sua grande comissão. Ele quer que encontremos o perdido e o resgatamos pelos meios mais efetivos e eficientes que são possíveis”¹ Posteriormente ele afirma que gostaria de chamar isto de “pragmatismo consagrado”, apontando para o fato de que no nosso desejo de ver o Evangelho se expandindo jamais deveríamos comprometer qualquer doutrina e princípio ético revelado na Palavra de Deus.²

Na ênfase sobre crescimento de igreja, naturalmente corremos o risco descrito por Gondim: “Fomos inundados por ondas, modas, que tomaram a igreja e demonstraram como nosso povo ainda é facilmente manipulável, e como a ortodoxia vai para o espaço quando o assunto é espiritualidade (...) Optamos por uma massificação teológica e ideológica (...) No passado, passado bem recente, o crente lutava pela verdade... Hoje, ele se acha verdadeiro e só, porque tem muita gente”.³

René Padilha afirma que qualidade é tão importante quanto a quantidade, e não mais do que ela. Conseqüentemente a fidelidade do evangelho nunca deve ser sacrificada no altar da quantidade e

¹ Wagner, Peter – *Strategies for church growth* – Ventura, CA, Regal Books, 1971, pg 29

² Idem, pg 29.

³ . Gondim, Ricardo, *Evangelização Brasileira: Patologias, potenciais e perspectivas*, in *A igreja Evangélica na virada do milênio*, Brasília, Comunicarte, 1994, pg 85.

quando se manipula o evangelho a fim de facilitar para que todos sejam cristãos, coloca-se já de saída a base de uma igreja infiel.

Obviamente não desejamos este tipo de pragmatismo, porque ele agride o Senhor da seara, e indubitavelmente nos afasta do Evangelho puro de nosso Senhor Jesus, mas precisamos refletir seriamente sobre a ausência de frutos. Por que eles não surgem? Isto não deveria nos inquietar?

Penso que a ausência de frutos é estranha porque fere a ordem natural daquilo que tem vida. A igreja como qualquer outro organismo vivo, e sendo o corpo vivo de Cristo, é chamada a se reproduzir. Reprodução é uma característica das coisas vivas. Uma igreja que não se reproduz, possui uma anomalia congênita. Cristãos que não se reproduzem, também sofrem de certo raquitismo espiritual. Falta-lhes o elemento próprio presente em todo organismo vivo.

Uma das figuras sobre crescimento natural está em Gênesis. “Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve ciúmes de sua irmã e disse a Jacó: Dá-me filhos senão morrerei” (Gn 30.1). Ela estava perturbada porque seu ventre era estéril. Não deveria esta ser nossa atitude diante do ministério quando o Evangelho não gera vida? Não deveríamos chorar diante de Deus pedindo para que ele nos capacite a frutificar?

Outro aspecto a ser considerado é a qualidade da semente que espalhamos. Jesus afirma que “o reino de Deus é como se um homem lançasse a semente à terra, e depois dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como” (Mc 4.26-27). Jesus está ensinando sobre o poder da semente. “A terra por si mesma frutifica” (Mc 4.28). Na descrição da parábola do semeador, em nenhum momento Jesus apontou problemas na qualidade da semente, mas falou sobre os diferentes solos. A semente tem o poder de germinar. Quem lança a semente, portanto, deve fazer com esperança, sabendo que ela contém o princípio da vida.

Durante mais de 20 anos Spurgeon pastoreou em Londres, durante todo este tempo, nunca deixou de batizar pessoas no primeiro domingo do mês. Um dia, um jovem lhe procurou e disse que não entendia porque quando Spurgeon pregava as pessoas atendiam seu apelo e quando ele pregava, nada acontecia. Então, este famoso pregador lhe perguntou: “Quando você prega, você na mensagem que anuncia, e que os pecadores serão impactados por esta palavra?” O rapaz admitiu que não. E ele respondeu: “Então não é de se admirar que os frutos sejam tão poucos”.

Precisamos crer que o evangelho “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16). A verdade do evangelho pode salvar qualquer pessoa, em qualquer circunstância, e por mais incrédulos que sejamos, pode também nos salvar. “Aquele que semeia, cumpre fazê-lo com esperança”.

Alguns anos atrás passei por uma crise de profunda de significado pastoral, e fui convidado a participar de uma conferência do Sonship, nas belas região do “*smoke mountain*”, em Ashville, NC. O programa incluía, além das palestras, discussão em grupo e acompanhamento individual. O meu conselheiro era um pastor daquela região chamado Steve Hawk. No primeiro encontro compartilhei que estava passando por uma crise na alma, pois sabia o que fazer no ministério, mas não tinha disposição para o trabalho. Ele me perguntou se eu sabia a causa e eu disse que não. No final daquele período ele orou por mim e pediu para que pensasse sobre o que poderia estar determinando esta apatia em meu coração.

De volta para o Hotel, parei num local muito bonito, era época da *foliage*, outono, e ali, dentro do carro, orei ao Senhor pedindo que ele me mostrasse o que estava acontecendo comigo. De uma forma muito particular e profunda, Deus ministrou ao meu coração, dando-me a convicção de que meu problema era falta de fé. A incredulidade, nosso pecado número 1, estava causando todo este desencorajamento em minha alma, e no outro dia, no segundo encontro com Hawk, pudemos lidar com este pecado em meu coração.

Tenho visto muitos plantadores de igreja que não estão crendo na mensagem que anunciam. Lavradores que jogam a semente no chão sem expectativa, sem esperança da colheita. Não seria a incredulidade com a palavra um destes grandes fatores determinantes de nossa colheita tão ineficiente?

Se quiserem me chamar de pragmático cristão por causa destas convicções, podem fazê-lo, mas de coração não acredito que com tais reflexões, esteja traindo o coração do evangelho de nosso Senhor Jesus que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento de sua graça.

Samuel Vieira

Pastor da Igreja Presbiteriana Central de Anápolis

Mestre em Teologia – PUC Rio